

XXXI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



[Com/Con]tradições na História da Arte

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti
Maria de Fátima Morethy Couto
Marize Malta

Universidade Estadual de Campinas
Outubro 2011

Apresentação de Mesa-Redonda - 5

Carlos Gonçalves Terra¹

O tema do XXXI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte [Com/con] tradições na História da Arte, ofereceu uma gama bem grande de discussões nas suas variadas sessões.

As apresentações que compuseram a mesa-redonda denominada Modelos, Cópias e Ressignificações ofereceram um rico material para se refletir sobre vários aspectos da arte.

Assuntos bem diferenciados, mas permeados pela “cópia”, foram adquirindo um novo significado no decorrer dos séculos.

A cópia sempre foi importante na formação do artista já que por meio dela ele aprimora seus conhecimentos, sua técnica, etc. que eram avaliadas por seu mestre. Dessa maneira, no decorrer dos tempos as cópias continuaram a ser feitas e na atualidade nos permitem estudar, comparar, aproximar diferentes fontes de pesquisa.

Assim, cada pesquisador trouxe em seu trabalho o conteúdo que se expande no tempo, não concentrando-se num único período.

Raquel Quinet Pifano busca na tratadística da pintura a primazia do desenho, mostrando em determinados momentos de seu texto que há contatos entre a prática pictórica em Minas Colonial e a teoria da pintura em Portugal, observando, ainda, a presença mais significativa do desenho enquanto elemento estruturador da imagem

¹ Moderador de Mesa-Redonda - Prof. Adjunto de História da Arte e História dos Jardins da Escola de Belas Artes/UFRJ; Especialista em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela PUC/RJ; Mestre em História da Arte pela Escola de Belas Artes/UFRJ; Doutor em História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes/UFRJ; Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte; Diretor da Escola de Belas Artes/UFRJ – 2010-2014.

visual na pintura mais do que na talha. Lembra que há tímida circulação de tratados de pintura em Minas Gerais.

Já que todos os autores se apropriaram do conceito de cópia, Raquel nos explica que a gravura tinha uma circulação restrita, mas que “era comum os pintores possuírem coleções de estampas”, provavelmente para copiar.

Sonia Gomes Pereira trabalhou diretamente o tema “tradição e cópias” e busca exemplos no Museu D. João VI da Escola de Belas Artes/UFRJ. Ela retoma a questão da tradição e nos mostra como o desenho era entendido na Academia Imperial de Belas Artes e reavalia a importância do papel da cópia na formação dos artistas. Em sua explanação fica claro como as cópias eram fundamentais na formação do estudante-artista. Em um quadro esclarecedor ela nos mostra as diferentes origens da distribuição da cópia por escolas artísticas, onde predomina a Escola Italiana. Esse estudo, que ainda deverá ter continuidade, baseia-se no inventário e na catalogação do Museu D. João VI que foi realizado entre 1995 e 1999 por uma equipe formada com o apoio do CNPq. O resultado pode ser encontrado no site www.museu.eba.ufrj.br.

Relacionada com o trabalho de Raquel Pifano, nas palavras de Sonia, está a relação do desenho enquanto elemento estruturador da imagem visual. Sonia comenta que “este mesmo processo do aprendizado do desenho repetia-se com a pintura ou a escultura”. E, ainda, existe uma relação entre os trabalhos de Raquel e Sonia quando convergem para a importância do desenho. Sonia nos mostra que no século XIX e alterando-se muito pouco no século XX “o processo de aprendizagem do desenho começava nas cópias de estampas, depois das moldagens em gesso e finalmente no modelo vivo”.

No debate, Sonia Gomes Pereira reafirmou a importância da cópia na formação dos artistas, sendo

ainda hoje úteis para ela. Complementou também alertando para a importância da pintura e do desenho na Academia Imperial de Belas Artes e como ele era entendido no século XIX.

Luiz Alberto Freire na sua “Ode a São José”, nos trouxe a ornamentação da Igreja de São José do Jenipapo em Castro Alves, BA. Retornando ao século XVIII nos mostrou os usos da ornamentação usada no edifício. Foi questionado se o(s) artista(s) havia(m) usado estampas, breviários, tratados para pintar cenas religiosas já que nos parece que também ali as cópias eram material útil para o artista. O autor observou que “toda a talha é pintada fingindo mármore róseo e outras pedras azuis e verdes” e comentou que talvez ao pintar a estrutura arquitetônica, o artista tivesse deficiências no conhecimento da perspectiva e mais uma vez foi perguntado se isso ocorria pela falta de modelos para copiar. Seja como for o autor nos promete estudos futuros que trarão mais informações sobre a realização deste tema fundamental para o estudo da arte no nosso país.

O último trabalho da sessão, apresentado por Maria Elizia Borges, sobre as pranteadoras guardiãs perenes dos túmulos, também nos possibilitou questionar sobre o uso da cópia. Como a pranteadora tornou-se um dos motivos favoritos da escultura funerária italiana, francesa e inglesa, no século XIX, era freqüente a sua utilização aqui no Brasil nos diversos cemitérios de diferentes cidades.

Os modelos discutidos na sua apresentação foram provenientes de cópias realizadas em marmorarias brasileiras, buscando os modelos nos catálogos que circulavam por toda a América Latina. Maria Elizia discorre como a cópia era importante e que elas possuíam tamanhos variados. Ela também nos mostra o uso de pranteadoras nas diferentes classes sociais. Para que todos pudessem ter uma pranteadora “a importação

das peças pelas marmorarias barateava o custo para os proprietários de hábitos burgueses. Poucos donos de jazigos tinham o privilégio de contratar escultores para esculpir uma pranteadora como peça única e original”.

No debate questionou-se se algum artista brasileiro se dedicou a esse tipo de cópia ou se eram feitas em outros países e enviadas para o Brasil. Percebemos que as duas situações ocorriam e que às vezes a obra original era muito mais valorizada mas que as pranteadoras em seus lamentos diante da dor estavam sempre presentes.

Como se pode verificar a mesa-redonda apesar de apresentar uma diversidade nos temas e períodos abordados problematizou o objeto de pesquisa proposto e ao mesmo tempo percebemos que os trabalhos foram conduzidos pelo uso da cópia e que ela foi o elemento estruturador das pesquisas.

Os trabalhos trazem, portanto, questões teórico-metodológicas significativas para pensarmos a atualidade sobre a história da arte e seu potencial analítico, amplificado pelos deslocamentos sugerido aos autores pelos organizadores do colóquio.